



Cristina Bernardo

MODERNIDADE

Faculdade de Letras de Lisboa investe cinco milhões em novo edifício

Miguel Tamen, Director da FLUL, revela ao JE Universidades que as obras do que será o terceiro edifício da maior Faculdade de Letras do país, deverão arrancar no fim deste ano e terminar em 2023. O investimento ronda os cinco milhões e vai explorar hipóteses de 'fundraising'. Paralelamente, prossegue a requalificação do icónico edifício principal.

Almerinda Romeira
 aromeira@jornaleconomico.pt

Miguel Tamen, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), não para de sonhar com o Outono de 2023. Nessa altura, não só terá ficado livre do estaleiro em que, em breve, se tornará a ala este da Cidade Universitária, como poderá dar início a um novo ano letivo num edifício com todas as valências da modernidade que permitam à maior Faculdade de Letras do país enfrentar, pelo menos, os próximos 60 anos. "Esperamos começar as obras do que será o nosso terceiro edifício no fim deste ano", revela Miguel Tamen ao JE Universidades, adiantando que a obra está prevista durar ano e meio.

"Iremos gastar um pouco menos de cinco milhões de euros", revelamos o Director da FLUL, salientando que o financiamento será feito com receitas próprias da Faculdade, mas que estão também "a ser exploradas hipóteses de fundraising", um pouco à semelhança do que se verificou

com a construção do campus de Carcavelos da Nova SBE. Neste momento, está em desenvolvimento o papel que o mecenato poderá vir a desempenhar ao nível do novo edifício da Faculdade e o Director da FLUL admite que poderá ser maior do que se calcula.

O novo edifício ocupará o lugar do atual Pavilhão Novo, podendo eventualmente estender-se para Norte. Segundo Miguel Tamen terá três pisos: no térreo haverá salas de aulas e nos dois pisos superiores estarão os gabinetes para os cerca de 150 docentes, a par das instalações da Associação para o Desenvolvimento da Faculdade de Letras, do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e do Centro de Línguas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

No Campo Grande, os próximos dois anos serão, assim, dedicados à construção de um novo edifício enquanto continua a requalificação do edifício-mãe. "Continuaremos a investir na manutenção e restauro do nosso esplêndido edifício principal", acrescenta. O icónico edifício com

pórtico de mármore desenhado pelo arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, adornado com coloridas pinturas de José de Almada Negreiros, inaugurado a 14 de outubro de 1958, no seio de uma grandiosa e moderna Cidade Universitária, tem nos últimos três anos vindo a ser alvo de melhorias, tendo, já, renovado as coberturas e realizado outras benfeitorias internas. Entre as intervenções planeadas para 2021 conta-se a reabilitação das salas de aula e corredores das caves, a reabilitação e a reconcessão do espaço de restauração,



MIGUEL TAMEN
 Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

a abertura de uma livraria na cave, e a reabilitação da Sala D. Pedro V. Em 2022 será renovada a antiga biblioteca no edifício principal.

A Faculdade de Letras é a unidade orgânica da Universidade de Lisboa dedicada ao ensino das Humanidades – Literaturas, Artes e Culturas, Ciências da Linguagem, História e Filosofia, oferecendo 17 licenciaturas, 23 mestrados, oito pós-graduações e 19 doutoramentos. Nela estudam cerca de 4.500 alunos, a que se juntam cerca de 2.000 alunos de portugueses língua estrangeira.

"Não se prevê que o número de alunos aumente muito, nem seria bom que aumentasse", salienta Miguel Tamen, explicando que a proporção entre alunos de licenciatura e de pós-graduação (neste momento dois terços para um terço) deverá alterar-se um pouco no futuro e ficar nos 60-40%. Cerca de 15% são internacionais, a que crescem os alunos de português língua estrangeira, incluindo-os, a percentagem sobe para mais de 30%. Todos eles também sonham com uma faculdade modernizada. ■

ÍNDICE

- 2 Opinião**
 Manuel Fontaine, Diretor da Escola do Porto da Faculdade de Direito da Católica, reflete sobre o ensino do Direito e os sete desafios do jurista no século XXI.
- 3 Atualidade**
 Novo Erasmus + dispõe de 26 mil milhões de euros para apoiar mobilidade estudantil. Portugal quer triplicar número de alunos no programa.
- 4 Entrevista**
 João Varandas Fernandes, professor e membro do Conselho Científico da UAL, revela em primeira mão a estratégia e o novo posicionamento do Grupo CEU para a área da Saúde. O propósito é criar um centro de investigação em Enfermagem com impacto na sociedade.



- 6 Ciência**
 Investigadoras Joana Oliveira e Iva Fernandes, da U.Porto, descobrem potencial químico do vinho do Porto para tratar o cancro da pele.

- 7 Figura em destaque**
 José Campos e Matos, professor da UMinho e presidente da AG da ANJE, lidera a YES For Europe. É o segundo português a ocupar o cargo na história da Conferência Europeia de Jovens Empreendedores.

- 8 Investigação**
 Do Técnico para a Dinamarca à procura de buracos negros. O professor Vítor Cardoso vai liderar um grupo de investigação na área da Física no Instituto Niels Bohr.

OPINIÃO



MANUEL FONTAINE

Director da Escola do Porto da Faculdade de Direito da Universidade Católica

O ensino do Direito e os sete desafios do jurista no século XXI

Perspetivar o futuro do ensino do Direito implica listar os desafios com que se confronta hoje um jurista e explicar como podem as universidades ajudar a enfrentá-los. Elenco sete desafios, sem pretensão de exclusividade. Os três primeiros são clássicos. Os últimos quatro são contemporâneos.

O primeiro desafio é o de sempre: o da excelência técnica. Os planos de estudos, as matérias lecionadas, a apresentação e cultivo do raciocínio jurídico e a exigência colocada nas avaliações, entre outros, são importantes na garantia dessa excelência.

O segundo desafio é o da competência na comunicação. Não basta a um jurista saber, tem de conseguir transmitir o que sabe, de modo eficaz e persuasivo. Para tal, as faculdades de Direito têm de apostar na formação em argumentação e retórica, no aperfeiçoamento da expressão escrita e oral e na aprendizagem das técnicas de negociação.

O terceiro desafio é o das competências forenses. Como qualquer recém-licenciado em Direito descobre, lidar com o mundo dos escritórios de advocacia e dos tribunais exige mais do que saber Direito. Se é verdade que essas competências se adquirem colocando “as mãos na massa” (no estágio de advocacia, por exemplo), as faculdades podem facilitar essa aquisição através de disciplinas práticas, lecionadas por profissionais do Direito, onde, v. g., se simulem julgamentos.

A estes três desafios clássicos para os juristas juntam-se quatro novos desafios. O quarto desafio é o da internacionalização. A integração europeia e a globalização transformaram o nosso país numa economia aberta e os juristas têm de saber dialogar com os interlocutores internacionais que demandam Portugal. Abrem-se ainda oportunidades profissionais no estrangeiro, que exigem a capacidade de comunicar o Direito numa outra língua. Sendo o inglês a língua franca internacional, as escolas de Direito devem proporcionar formação jurídica em inglês.

E promover experiências de mobilidade internacional, muito enriquecedoras na criação de juristas com esse perfil.

O quinto desafio é o da especialização. Já passou o tempo do advogado generalista, que tratava de todas as questões de Direito que lhe chegassem às mãos. As sociedades de advogados organizam-se em áreas de prática. Mesmo nos tribunais, a tendência é de especialização. As faculdades de Direito, se querem ajudar os seus graduados a posicionar-se nesses nichos de mercado, devem oferecer formação especializada, sobretudo nos mestrados e nas pós-graduações.

O sexto desafio é o da interdisciplinaridade. O dito antigo, de que “quem só sabe de Direito, nem de Direito sabe”, é cada vez mais verdadeiro. A complexidade crescente da vida em sociedade exige dos juristas a compreensão das esferas da vida social sobre as quais o Direito incide. Só assim o poderão interpretar e aplicar adequadamente. Essa compreensão impõe o contacto com outras ciências, da Economia à Psicologia, da Ciência Política à Contabilidade, que as universidades devem proporcionar.

O sétimo, e último, desafio é o da digitalização. O contexto pandémico apenas dramatizou a transformação da realidade social, cada vez menos corpórea e mais imaterial. Finda a pandemia, as universidades não devem ceder à tentação do regresso ao passado, puramente presencial. O futuro é do ensino combinado. Nas faculdades de Direito, para além da formação nas novas áreas (comércio eletrónico, cibercrime, proteção de dados, entre outras), tem ainda de se perceber que a evolução da inteligência artificial levará a que o jurista, nas diversas profissões, tenha de intervir menos em processos pesados e repetitivos. O raciocínio jurídico, a criatividade, a capacidade de comunicar com os clientes e com os pares serão cada vez mais importantes. ■

PROGRAMA EUROPEU

Erasmus+: 26 mil milhões para apoiar mobilidade estudantil

Apresentado pela Presidência Portuguesa da União Europeia, o novo Erasmus+ quase duplica o orçamento anterior. Inclusão, digital e sustentabilidade são as novas áreas de aposta. Portugal quer triplicar o número de beneficiários do programa em 2021|27.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Portugal estabeleceu a fasquia para os próximos seis anos do programa Erasmus+: triplicar o número atual de estudantes. “Em 20 anos multiplicámos a participação de estudantes portugueses em mobilidade Erasmus em cinco vezes. Foi bom, mas não chega. Hoje, apenas um em cada 10 estudantes que concluem o ensino superior tiveram uma experiência Erasmus. A ideia é garantir que um em cada três jovens possa ter essa experiência”, afirma Manuel Heitor, ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

A apresentação do Erasmus+ 2021|27 era um objetivo da Presidência Portuguesa da União Europeia e está cumprido. Para os jovens universitários europeus, no geral, e para os portugueses, em particular, a oportunidade é de ouro, uma vez que nunca antes houve tantos recursos para a mobilidade.

O Orçamento direto ultrapassa os 26 mil milhões de euros, que serão complementados com 2.200 milhões provenientes de instrumentos externos à União Europeia, o que eleva a verba para mais de 28 mil milhões. É praticamente o dobro dos 14.700 milhões alocados ao quadro de financiamento que vigorou entre 2014-2020.

O novo programa suporta uma ambição. Tornar o Erasmus “mais inclusivo, digital e sustentável”. Para

além de apoiar projetos de mobilidade para fins de aprendizagem e de cooperação dentro e fora da União Europeia, o Erasmus+ 21|27 capacitará projetos centrados na inclusão e nas transições ecológica e digital, como previsto no Espaço Europeu da Educação, no Pacto Ecológico Europeu e no Plano de Ação para a Educação Digital, e projetos impulsores da resiliência dos sistemas de educação e formação face à pandemia.

O novo Erasmus abre ao ensino vocacional e profissional – hoje bastante abordado por vários Estados-membros e está direcionado para o

Os custos da pandemia

No primeiro semestre do ano letivo 2020/21, houve menos cinco mil alunos portugueses a estudar em universidades estrangeiras no âmbito do programa Erasmus+, o equivalente a uma quebra de 68%. Neste período, só 2.200 universitários se aventuraram a ir para fora apesar da pandemia, segundo dados das instituições disponibilizados à Lusa pela Agência Nacional Erasmus+. Por outro lado, as instituições de ensino superior portuguesas receberam cerca de menos sete mil estudantes estrangeiros em comparação com o ano letivo anterior, o que corresponde a uma quebra de 86%. O país recebeu pouco mais de mil alunos em mobilidade.

reforço das redes europeias de instituições de ensino superior com consórcios de instituições europeias.

“Se há 10, 20 anos, o programa ficou concentrado na mobilidade de jovens, cada vez mais, o Erasmus é uma ferramenta clara para a construção de instituições europeias – esse é o desafio deste programa”, salientou Manuel Heitor, na conferência informal de ministros da Educação da União Europeia.

O programa, constitui, assim, uma oportunidade de “promover a efetiva inserção das instituições de ensino superior portuguesas, politécnicas e universitárias, públicas e privadas” nas redes europeias, através do reforço de “graus conjuntos e processos de recrutamento” de docentes e investigadores, bem como a sua mobilidade. Também permite “uma melhor e mais adequada articulação com atividades de investigação e inovação”, assim como uma maior ligação com empregadores europeus.

Para que estes passos possam ser concretizados, Manuel Heitor pretende “modernizar e reestruturar a atual agência Erasmus+”, instalando, até ao final de 2021, delegações “em todas as instituições de ensino superior e em muitas escolas secundárias e profissionais”.

Lançado em 1987, o programa Erasmus, que Portugal integrou inicialmente com um grupo de 25 jovens, tornou-se Erasmus+ em 2014 de maneira a cobrir novos campos de atividade, como a formação pro-



fissional, educação de adultos ou intercâmbio de jovens, animadores de juventude e treinadores desportivos. Além da oferta de oportunidades de estudo ou de estágio no estrangeiro, o programa investe também em projetos de cooperação transfronteiriça, nomeadamente entre universidades, estabelecimentos de ensino ou organizações de juventude e desportivas.

Nas últimas três décadas, “mais de 10 milhões” de jovens europeus abraçaram o programa onde, além dos 27 Estados-membros, participam também a Islândia, Liechtenstein, Macedónia do Norte, Noruega, Sérvia e Turquia.

Em suma, o programa é um instrumento fundamental para a construção de um espaço europeu da educação, ao promover a cooperação estratégica no domínio do ensino

no e formação e a dimensão europeia no desporto, pilares essenciais da construção de uma cidadania europeia.

Numa perspetiva mais pragmática, tanto o ministro da Educação,



MANUEL HEITOR
Ministro da Ciência,
Tecnologia e Ensino Superior

Tiago Brandão Rodrigues, também presente no lançamento do programa, como Manuel Heitor, destacam o aumento da empregabilidade como uma das grandes vantagens da mobilidade europeia. “Não é por acaso que aqueles que têm Erasmus têm estatísticas mais favoráveis na empregabilidade. Porque o Erasmus cria um conjunto de competências, que na gíria se chamam de *soft skills*, de resiliência e adaptação a diferentes realidades que são, hoje, críticas para muitas condições de empregabilidade”, afirmou o ministro do Ensino Superior. Adiantou que “cada vez mais”, os empregadores “públicos e privados” valorizam “a condição Erasmus” dos candidatos a um emprego.

Por outras palavras, um passaporte para quem quer garantir o futuro profissional na União. ■

OPINIÃO



MIGUEL CRUZ
Diretor de Carreiras da Nova SBE

Educação, carreira e autoconhecimento

A decisão sobre qual carreira seguir é uma das mais importantes na vida de um jovem, gerando inevitáveis pressão e ansiedade. É uma escolha feita ainda muito cedo, e que se repercute por boa parte das suas vidas. Dados atuais mostram que menos de 35% dos colaboradores se sentem engajados no trabalho. Entre os *millennials*, geração conhecida por trocar de trabalho recorrentemente, este número é ainda mais reduzido. Menos de três em cada dez funcionários têm conexão emocional e comportamental com seus trabalhos e empresas.

Essa geração, muito evolvida em causas sociais, ambientais e outras pautas relevantes no mundo moderno, parece cada vez menos disposta a permanecer muito tempo dentro de uma mesma organização. Pesquisas mostram que 21% dos *millennials* trocaram de trabalho nos últimos 12 meses; somente 50% deles afirmam querer passar os próximos 12 meses na empresa em que trabalham e 36% afirmam que vão procurar uma nova oportunidade de trabalho nos próximos 12 meses.

Coexistimos com um mundo altamente digital, com acesso à informação em escalas nunca antes vistas, com algoritmos de inteligência artificial e seus mecanismos de *matching*, que poderiam, a princípio, assegurar combinações mais assertivas e duradouras. Outra característica desta geração é a busca por identificar o propósito das organizações, o que é saudável, e poderia assegurar maior assertividade na decisão sobre carreira.

Mas se nunca foi tão fácil obter informações e conhecer as empresas por dentro, por que é tão difícil estabelecer relações duradouras? Por que as estatísticas mostram tanta frustração no mercado de trabalho? Alguns sugerem que para os nativos digitais, não parece ser prioritário investir o tempo necessário para obter profundidade, propriedade que é fundamental para gerar impacto em qualquer campo de conhecimento.

A uniformização do modelo de ensino, cuja influência é ainda da Revolução Industrial, também não ajudou, pois trouxe a reboque a padronização do processo de escolha, obrigando todos a passar por este funil na mesma altura, ainda muito cedo, independente do grau de maturidade e preparação.

Se por um lado há dados de sobra sobre o mercado de trabalho, os excessos de informação e distração do mundo atual, e seus efeitos colaterais, fazem com que o autoconhecimento (a outra metade desta equação), esteja cada vez mais distante.

Não sendo uma ciência curricular, o autoconhecimento tem pouca importância contabilizável, mas é primordial no processo de escolha de uma carreira. Requer paciência, atenção e pode levar toda uma vida. Não há nota máxima, mas algumas técnicas ajudam no processo de desenvolvimento.

Isso só fortalece a urgência em se incentivar a jornada de autoconhecimento por parte das instituições. Se no ensino secundário o apoio à orientação profissional iniciou-se há mais anos, no ensino superior ainda temos um caminho mais longo a percorrer.

Ainda que infrequente, existem programas de desenvolvimento de carreira que visam capacitar os alunos para tomarem decisões mais informadas. Estes programas procuram dotar o aluno de conhecimento teórico, assim como os expor a uma diversidade de cenários que enriqueça o seu espectro referencial.

No final, o sucesso dependerá das características individuais mais particulares, sejam elas a capacidade de análise, de formulação, de liderança, de gestão ou mesmo de criar conexões genuínas. Qualquer que seja a profissão ou indústria, executá-la bem exige habilidades extraprofissionais, cujas fundações estão dentro do indivíduo, o que atribui ao autoconhecimento um carácter fundamental nesta

combinação. ■

ENTREVISTA **JOÃO VARANDAS FERNANDES** Professor e membro do Conselho Científico da UAL

“Queremos criar um centro de investigação em Enfermagem com impacto”

A Cooperativa de Ensino Universitário, que integra a UAL, está a apostar fortíssimo na área da Saúde. O primeiro passo da estratégia foi a aquisição, em novembro, da Escola Superior de Enfermagem S. Francisco das Misericórdias. O segundo consiste na criação do Centro de Investigação e Desenvolvimento. João Varandas Fernandes, Coordenador da área das Ciências da Saúde, revela ao JE Universidades a estratégia e o novo posicionamento do Grupo CEU.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Médico e Adjunto da Direção Clínica do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central, João Varandas Fernandes é membro do Conselho Científico da UAL e Coordenador da área das Ciências da Saúde do Grupo CEU - Cooperativa de Ensino Universitário, que integra a Universidade Autónoma de Lisboa, UAL, onde leciona. É autor de várias publicações científicas e coautor de vários livros publicados sobre a área da Saúde. Nesta entrevista explica a aposta da mais antiga universidade privada do país na área das Ciências da Saúde, quer ao nível do ensino quer da investigação, no âmbito da qual está previsto o lançamento em 2022 do Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia. “Queremos posicionar a Escola na especialização de excelência dos profissionais de Saúde”, afirma o professor, defensor de uma forte política de recursos humanos e um renovado modelo de gestão hospitalar e do funcionamento do Serviço Nacional de Saúde.

No geral, as universidades e os politécnicos portugueses enfrentaram a Covid-19 com a produção e distribuição de EPI, ventiladores, álcool gel, viseiras e até desenvolveram um ventilador. Como é que a comunidade educativa da Universidade Autónoma de Lisboa (CEU-UAL) respondeu aos desafios colocados pelo novo coronavírus?

A sociedade em geral mobilizou-se

para responder a um desafio verdadeiramente coletivo e universal e as universidades e os politécnicos não foram exceção. Creio, aliás, que um dos aspetos positivos desta experiência foi o reforço da perceção pública sobre o relevante papel das comunidades do conhecimento, entre as quais as universidades, pela partilha de informação essencial para a orientação e eficácia das políticas públicas. Precisamente para responder aos novos desafios e preocupações da comunidade, a Cooperativa de Ensino Universitário (CEU), que integra a Universidade Autónoma, decidiu apostar na área das Ciências da Saúde. E essa aposta é feita a dois níveis: ensino e investigação.

Falemos desse investimento.

Quando começou?

Em novembro de 2020, a CEU deu um passo muito importante nesta aposta, com a aquisição da Escola Superior de Enfermagem S. Francisco das Misericórdias (ESESFM). Isto veio permitir alargar a oferta formativa em Saúde, que, até então, estava mais centrada na Administração de Unidades de Saúde, área na qual temos uma licenciatura. A ESESFM é uma referência no ensino da enfermagem a nível nacional. É interessante que a sua notoriedade está muito associada à missão das Misericórdias, ao seu papel colaborativo com a sociedade e as instituições em geral. Uma missão partilhada pela CEU. Portanto, este projeto passará certamente pela cooperação e criação de parcerias na área da Saúde.

Quais são os projetos da CEU-UAL para a Escola de Enfermagem?

BI
Fundação: 1985
Alunos: 5.000
Licenciaturas: 13
Mestrados: 8
Doutoramentos: 4
Pós-graduações: 50

“
É NECESSÁRIO (RE)PENSAR A ÁREA DA SAÚDE E, PARA ISSO, NÃO BASTA O INVESTIMENTO FINANCEIRO(...) DEFENDO QUE TEM DE EXISTIR UMA VISÃO ESTRATÉGICA QUE ENVOLVA OUTROS ASPETOS, ENTRE ELES UMA FORTE POLÍTICA DE RECURSOS HUMANOS E UM RENOVADO MODELO DE GESTÃO HOSPITALAR E DO FUNCIONAMENTO DO SNS

Estamos muito conscientes de que a aprendizagem ao longo da vida é essencial. Por isso, queremos posicionar a Escola na especialização de excelência dos profissionais de Saúde. Por outro lado, temos também um grande projeto a nascer: a criação do Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências da Saúde (CIDCS). Trata-se de um espaço privilegiado para a realização de investigação aplicada aos diferentes domínios de intervenção em saúde. Se há algo que aprendemos com a pandemia é que a investigação tem de ter impacto na sociedade, procurando dar resposta aos desafios com que nos deparamos.

Quais são as especializações que a escola oferece?

Com inscrições abertas, temos a Pós-Graduação em Prevenção e Controlo de Infecção. Esta especialização é particularmente relevante hoje em dia, ao capacitar os profissionais responsáveis para a implementação de boas práticas nas instituições de saúde. Em breve, serão lançadas duas pós-licenciaturas em Enfermagem de Reabilitação e em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria. Teremos pós-graduações em Instrumentação Cirúrgica; Enfermagem no Desporto; e a pós-graduação “Saúde 4.0”, para responder à revolução da tecnologia no sector de saúde. Novidade será o lançamento do Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia previsto para 2022.

O objetivo passa por elevar as Ciências da Saúde ao nível do Direito que é, neste momento, a área de maior nome da Universidade?

O principal objetivo é diversificar a

oferta formativa, incluindo mais opções de formação e especialização numa área estratégica para o Grupo CEU: a Saúde. O Direito, a Comunicação, e os cursos na área da Gestão representam 60% dos inscritos no 1º ciclo na Universidade Autónoma e, neste sentido, a procura também será determinante para a definição de objetivos a longo prazo. A UAL é a mais antiga Universidade privada do país. A nossa formação abrange as mais diversas áreas do conhecimento: Ciências da





QUEREMOS POSICIONAR A ESCOLA NA ESPECIALIZAÇÃO DE EXCELÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Cristina Bernardo

estudo. Queremos criar um grande centro de investigação em Enfermagem, com impacto na melhoria dos cuidados às pessoas, famílias e comunidades. Note-se que a UAL tem reputados Centros de Investigação em diversas áreas, nas Ciências Económicas e Empresariais; Ciências Históricas e História Empresarial; Ciências da Comunicação; Ciência Jurídica; Arquitetura; Psicologia; o TechLab – nas Tecnologias; e o Observare – Observatório de Relações Exteriores, que tem desenvolvido um grande número de projetos de investigação nessa área científica. E agora pretendemos transpor este *know-how* para a Saúde, começando pela Enfermagem.

Para quando o primeiro estudo?

O primeiro estudo está em andamento. Estamos a analisar o comportamento das instituições face à atual crise de saúde pública e a importância dos mecanismos de decisão no contexto pandémico. O nosso objetivo é obter respostas que contribuam, no imediato, para melhorar a gestão dos serviços de saúde.

Quando se prevê que possa ser apresentado publicamente?

Contamos apresentar os resultados ainda este semestre. O estudo envolveu os principais centros hospitalares públicos e privados da região de Lisboa e poderá ser alargado a outras regiões do país, numa segunda fase.

Como avalia a forma como os hospitais geriram as orientações e os comportamentos na prática no seu hospital?

Repare, estamos a sair da fase de reação para uma fase de maior ponderação e análise. E é por isso que este estudo se revela particularmente pertinente. Mais do que uma opinião, vai aferir o que se passou no terreno e quais as melhores e piores experiências. Os hospitais reagiram da melhor forma possível, em geral. Estávamos perante uma nova realidade, adversa, muito exigente para os profissionais de saúde, quer do ponto de vista do exercício clínico quer pelo desgaste físico e emocional. O mais interessante é analisar as dinâmicas geradas entre as orientações e recomendações centrais e a resposta local, em cada unidade hospitalar. Foi na governação clínica que se levantaram muitas questões que não estavam previstas e que foi necessário resolver. Acredito que esta autonomia “forçada”, bem como o enorme esforço de cooperação de cada unidade de saúde, teve um impacto muito positivo na forma como se conseguiu prestar cuidados de saúde de qualidade durante a pandemia.

Quais são os próximos passos do projeto da UAL no campo das Ciências da Saúde?

Os próximos passos serão de consolidação das várias valências atuais. Ou seja, aprofundar as componentes inerentes ao ensino superior, com impacto na prestação de serviços à comunidade, e reforçar a investigação pura e aplicada às Ciências da Saúde. Um projeto de coo-

peração com as Faculdades de Medicina poderá vir a ser um caminho.

Está previsto o lançamento de algum curso?

Estamos focados na especialização de profissionais e temos muitas novidades em termos de pós-licenciaturas, pós-graduações e mestrados. Algumas já aqui mencionadas, outras, em desenvolvimento, serão anunciadas nos meios próprios da UAL, da Autónoma Academy e da Escola de Enfermagem. Teremos novas propostas formativas de diferentes níveis de aprendizagem, de acordo com as necessidades do ensino superior e ajustadas às exigências do país.

Em que medida a especialização é uma mais-valia na Enfermagem?

A especialização em Saúde é sempre uma mais-valia pela atualização de conhecimentos e domínio técnico, sendo fundamental que o exercício da profissão seja sustentado na evidência. Mas é também muito importante para as competências da “arte” de cuidar, o que é particularmente relevante no caso da enfermagem. Num serviço de saúde que se pretende de proximidade, os enfermeiros assumem um papel essencial no bem-estar físico e emocional dos doentes e das suas famílias. Por outro lado, o investimento na especialização em áreas como o controlo e a prevenção pode exigir menos recursos financeiros ao SNS, face aos elevados custos associados ao tratamento e cura em saúde. Estes profissionais são responsáveis pela implementação de políticas de qualidade com impacto comprovado na saúde e segurança do doente.

Quantos alunos de Enfermagem estudam na ESEFSM?

Temos cerca de 300 alunos em diferentes segmentos das Ciências da Saúde.

Um número significativo de enfermeiros continua a emigrar todos os anos.

Como se consegue reter estes profissionais em que Portugal investiu e que acabam por criar riqueza em países como o Reino Unido ou França?

Valorizando e reconhecendo o seu trabalho. E isso passa por sermos capazes de lhes oferecer condições de trabalho mais dignas e remunerações adequadas. Isto é, encontrar aliciantes para as legítimas aspirações de carreira destes profissionais, nas quais a formação e a especialização também devem ser consideradas.

Qual a sua opinião sobre as medidas do Plano de Recuperação e Resiliência na área da Saúde?

Considero que é necessário (re)pensar a área da Saúde e que, para isso, não basta o investimento financeiro. Não significa que não seja uma componente fundamental para o progresso e melhoria dos cuidados de saúde. Mas o que defendo é que tem de existir uma visão estratégica que envolva outros aspetos, entre eles uma forte política de recursos humanos e um reno-

vado modelo de gestão hospitalar e do funcionamento do SNS. Estes são aspetos essenciais para uma efetiva produtividade do sistema. Se não forem considerados, podemos estar a investir em infraestruturas, equipamentos e digitalização da saúde, sem qualquer otimização, desperdiçando-se uma excelente oportunidade de mudança. Estamos no momento certo para avançar com a tão aguardada reforma do SNS.

Que apreciação faz do ensino da Medicina em Portugal?

A formação académica e profissional nas escolas Médicas em Portugal está ao nível das melhores da Europa. E vemos isso com a competência aos nossos profissionais que trabalham fora do país e a quem tem sido feito esse justo reconhecimento. No entanto, a Medicina não pode ser alheia à própria evolução da sociedade. Pelo contrário, tem de a saber acompanhar. E isso passa pela capacidade de responder àquelas que são hoje as nossas reais necessidades em saúde e prestação de cuidados, mas também de nos adaptarmos às transformações marcadas pelas novas tecnologias.

É a favor ou contra o alargamento dos *numerus clausus*?

Esta é uma questão que divide a comunidade académica. Se é certo que gostaríamos de ver “massificado” o acesso ao ensino superior e que não faz sentido alunos com médias elevadas verem goradas as suas expectativas de escolha, também é certo que os *numerus clausus* têm de refletir a capacidade de cada instituição em termos de recursos técnicos, humanos e de instalações para que se continue a garantir um ensino de qualidade em cada área de estudo. O Estado tem aqui que intervir de forma a assegurar condições de competitividade, permitindo o acesso a mais estudantes, sem que fiquem limitados pelo estrangulamento financeiro sentido por muitas famílias.

Portugal deveria ter mais mestrados integrados em Medicina? A UAL teria interesse em ministrar um?

É uma área que apresenta alguma complexidade, mas, no futuro, nada impede que a CEU assuma esse desígnio e que venha a ser uma realidade. Assim sejam criadas as condições adequadas às instituições de ensino superior.

Se fosse ministro do Ensino Superior durante 24 horas, que decisões tomaria?

Embora esteja bastante habituado ao sentido de urgência, enquanto Ministro tentaria evitar a reação, optando, sempre que possível, por auscultar, analisar, envolvendo toda a comunidade científica. Uma das decisões que tomaria seria a integração do ensino politécnico e universitário, de que há exemplos bem-sucedidos. Eliminar a via binária seria uma forma de maximizar recursos e meios, reduzindo os custos associados ao ensino superior e garantindo uma oferta de ensino diversificada e de excelência. ■

Comunicação; Ciências e Tecnologias; Ciências Económicas e Empresariais; Ciências do Desporto da Saúde e da Administração Pública; História, Artes e Humanidades; Arquitetura; Psicologia; Relações Internacionais; e o Direito, que é, efetivamente, uma pedra angular do projeto educativo da UAL.

A área vai ter departamento próprio?

A criação de um departamento poderá fazer sentido a médio e longo

prazo enquanto chapéu de várias iniciativas que temos previstas.

A ciência e o estudo da prática clínica ganharam protagonismos nos últimos 12 meses. O que pode a sociedade portuguesa esperar da CEU-UAL ao nível da produção de conhecimento?

O Grupo CEU, com a aquisição da Escola de Enfermagem e a criação do Centro de Investigação, passa a impulsionar mais uma nova área de

Nem me falta

INVESTIGAÇÃO

Vinho do Porto tem potencial químico para tratar cancro da pele

Investigadoras da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto identificaram perto de 20 moléculas que revelam potencial para um futuro fármaco que poderá ser aplicado na terapia fotodinâmica (PDT) tópica para o tratamento de doenças de pele, como o cancro e a psoríase. Testes em laboratório serão os próximos passos, só depois é possível pensar em ensaios clínicos.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Joana Oliveira e Iva Fernandes descobriram um novo e revolucionário propósito para o vinho do Porto. A partir do afamado néctar produzido com uvas do Douro, as investigadoras da Universidade do Porto identificaram um conjunto de moléculas que podem ser usadas no desenvolvimento de fármacos para tratar doenças de pele, como o cancro ou a psoríase.

“O nosso trabalho de investigação consiste na síntese de várias moléculas azuis/verdes inspiradas na química que ocorre naturalmente durante o envelhecimento do vinho e a sua aplicação na terapia fotodinâmica (PDT) tópica para o tratamento de doenças da pele como a psoríase, dermatite atópica e futuramente no cancro de pele não melanoma”, afirmam ao JE Universidades.

No total, foram identificadas 20 moléculas revelando potencial para um futuro fármaco: um hidrogel que poderá ser aplicado em PDT. Esta terapia recorre a emissões de luz e é totalmente não invasiva.

O processo desenvolve-se em várias fases, de acordo com Joana Oliveira e Iva Fernandes. Assim, para que os compostos possam ser usados como fotosensibilizadores na PDT, as moléculas devem absorver energia da luz vermelha e, por isso, devem ser azuis/verdes, passar a um estado excitado e depois ao regressarem ao estado fundamental vão transferir essa energia ao oxigénio e levar à formação de espécies reativas de oxigénio, especialmente oxigénio singlete. Este componente provocará, por fim, a morte celular.

As investigadoras explicam-nos que a seletividade deste tipo de terapia para as células doentes “resulta da taxa de proliferação elevada que



JOANA OLIVEIRA
Investigadora LAQV-REQUIMTE na FCUP



IVA FERNANDES
Investigadora LAQV-REQUIMTE na FCUP

estas apresentam em comparação com as células saudáveis”. Além disso, acrescentam, “o reduzido tempo de vida do oxigénio singlete implica que atue apenas nas células próximas do local onde foi gerado”.

Os próximos passos da investigação, adiantam, serão os testes laboratoriais com células que estão na origem de doenças e inflamações da pele humana. Só depois de cumpridos, eventualmente, poderão ser feitos os primeiros ensaios clínicos com humanos.

O projeto WINPUT – Síntese de piranoilavílios azuis inspirada na química do vinho para a Terapia Fotodinâmica tópica, assim se designa, é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e deverá terminar em setembro. A equipa liderada por Joana Oliveira e Iva Fernandes envolve também Victor de Freitas, Nuno Mateus, Hélder Oliveira, Paula Araújo, Patrícia Cor-

reia, Ana Rita Pereira, Alexandra Borges e Carolina Ribeiro, todos do LAQV-REQUIMTE/Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Como parceira, o projeto tem uma instituição pertencente ao LAQV-REQUIMTE da Universidade de Aveiro através dos investigadores Maria do Amparo Faustino e Augusto Tomé.

A punção mágica do Douro

O amor de Joana e de Iva pelo vinho do Porto é a punção mágica na base deste progresso científico. Ambas têm vindo a aprofundar e desenvolver conhecimento e trabalho nesta área. Joana Oliveira fez o doutoramento na área da química estudando os pigmentos derivados das antocianinas que se formam naturalmente no vinho durante o envelhecimento. A partir desse trabalho, surgiram novas moléculas com cores diferentes, desde o la-

ranja até ao azul turquesa, e do conhecimento das vias químicas de formação destes compostos foi possível obter novas moléculas em laboratório com diferentes grupos substituintes que lhes conferem diferentes propriedades, nomeadamente diferentes cores.

Iva Fernandes, por seu turno, tem dedicado o percurso científico ao estudo das propriedades benéficas para a saúde humana de compostos presentes no vinho tinto e no vinho do Porto. Mais recentemente explorou o seu potencial na prevenção do envelhecimento celular de células da pele.

A conjugação destas duas áreas: a química do vinho e os modelos celulares de pele, reuniram o conhecimento científico ideal para o ponto de partida do projeto, que querem levar longe. ■

Dois milénios de vinho excepcional

As encostas xistosas do vale do Douro produzem um vinho excepcional há cerca de dois milénios. O Vinho do Porto, nascido nesta paisagem vitícola de extraordinária beleza, é um vinho licoroso, produzido em condições peculiares derivadas de fatores naturais e humanos. O processo de fabrico baseia-se na tradição e inclui a paragem da fermentação do mosto pela adição de aguardente vínica, a lotação de vinhos e o envelhecimento.

OFERTA PEDAGÓGICA

Parceria na ULisboa lança mestrado em direito e gestão

Chama-se Master in Law & Management, junta dois ramos do conhecimento – Direito e Gestão – e foi criado por duas escolas da Universidade de Lisboa: a Faculdade de Direito (FDUL) e o ISEG Lisbon School of Economics and Management.

“Trata-se de um projeto de oferta formativa capaz de conferir um nível de qualificação diferenciado, que

só pode ser obtido através da sinergia entre duas escolas de referência da Universidade de Lisboa”, explica Paula Vaz Freire, Diretora da FDUL.

O novo curso arranca no primeiro semestre do ano letivo de 2021/2022, estando as candidaturas abertas até 15 de maio. Tem o propósito de desafiar os alunos a desenvolverem novas competências com

base em casos, indo ao encontro das necessidades atuais das empresas, como explica Clara Raposo, presidente do ISEG: “É com grande expectativa e empenho que o ISEG se junta à Faculdade de Direito para, desta forma, gerarmos novos perfis de profissionais mais aptos para um futuro de grande exigência”.

Com o programa, os licenciados em Direito obtêm “uma formação

científica de excelência e as ferramentas necessárias para compreender as necessidades, os riscos e os desafios dos seus clientes, numa perspetiva tanto de Direito como de Gestão”. Os alunos terão, assim, uma abordagem holística e centrada no cliente, como exigem os clientes das sociedades de advogados, empresas e outras instituições.

Por seu turno, os licenciados em

Gestão, Economia e Finanças ganham a capacidade de compreender e lidar com os riscos e os desafios jurídicos associados aos seus projetos profissionais e emprego.

O mestrado tem coordenação científica de Paulo de Sousa Mendes e José Azevedo Pereira e coordenação executiva de José Ferreira Gomes e Pedro Rino Vieira e será, por regra, em língua inglesa. ■ AR

FIGURA EM DESTAQUE

JOSÉ CAMPOS E MATOS

A voz dos jovens europeus é professor na UMinho

José Campos e Matos é o novo presidente da YES For Europe - Confederação Europeia de Jovens Empreendedores. Sobe de vice-presidente para o posto ocupado até aqui pelo turco Gürkan Yildirim e torna-se o segundo português em 32 anos a ocupar a liderança deste cargo, após Paulo Barros Vale em 1992-93. "É uma honra", declara. Nasceu e vive no Porto há 41 anos. Doutorou pela Universidade do Minho, onde leciona no Departamento de Engenharia Civil e investiga no Instituto de Sustentabilidade e Inovação em Engenharia de Estruturas, este engenheiro civil, professor e empresário, tal como antes o pai e, antes ainda, o avô, gosta de pontes "no seu sentido literal e figurado". Já desenhou algumas, ferroviárias umas, rodoviárias, outras, dentro e fora do país. Compete-lhe agora traçar pontes entre humanos. A YES For Europe junta 100 mil membros até aos 45 anos de idade, oriundos de 21 países, e representa a União Europeia em organismos internacionais, como a Aliança G20 dos Jovens Empresários. "É uma oportunidade, numa fase em que Portugal preside à União Europeia e em que se discute o Plano de Recuperação e Resiliência, mas é também um desafio, para fazer levar a voz da nova geração de empresários às mais altas instâncias das instituições europeias, afirmando as suas iniciativas, as redes de contactos e os projetos".



O principal projeto de José Campos e Matos será apoiar a mobilidade dos jovens empresários dentro e fora da União Europeia. Por outro lado, pretende-se que todas as associações de jovens empresários se consigam ouvir e apoiar a Europa neste período de recuperação pós-pandemia. O cargo reconhece também o longo trabalho realizado nesta área em Portugal, nomeadamente pelos empresários, pela

ANJE, a cuja Assembleia Geral preside, e pelas academias, como a UMinho, diz o também presidente da Associação Europeia de Controlo de Qualidade de Pontes e Estruturas, vice-presidente da Associação Internacional de Engenharia Estrutural e de Pontes e conselheiro do Grupo de Jovens Empresários do Médio Oriente e Norte de África da OCDE. José Campos e Matos, um associativista de corpo e alma. ■ AR

PESSOAS

Tributo a Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra

A Universidade de Lisboa vai atribuir o Doutoramento Honoris Causa a Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra. A proposta partiu da Faculdade de Letras de Lisboa, onde ambos estudaram. Em comum têm também o Teatro da Cornucópia, que fundaram em 1973 e ambos dirigiram. Jorge Silva Melo, que, mais tarde, fundou a sociedade Artistas Unidos, que dirige, é formado em Filologia Românica, e Luís Miguel Cintra iniciou a sua carreira de ator e encenador em 1968 no Grupo de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa.

Bolsa D. Manuel de Mello para Investigador do i3S

Helder Novais-Bastos, investigador do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde da Universidade do Porto (i3S), professor da Faculdade de Medicina da UPorto e pneumologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, bisa na conquista da Bolsa D. Manuel de Mello pelo trabalho na área das doenças pulmonares que vem desenvolvendo no âmbito do projeto FIBRA-Lung. A primeira vez que a bolsa de 50 mil euros lhe foi atribuída, em 2013, permitiu-lhe avançar o doutoramento na área da tuberculose. O projeto atual "centra-se nas necessidades do doente" e acompanha a missão do médico "de ajudar os portadores de doenças pulmonares difusas fibrosantes a obterem maior benefício do tratamento que lhes é oferecido". A bolsa é uma iniciativa da Fundação Amélia de Mello em parceria com a José de Mello Saúde e CUF.

Distinção europeia para professor do Técnico

Luís M. Correia, professor do Instituto Superior Técnico e investigador do INESC-ID foi distinguido pela Associação Europeia de Antenas e Propagação com o "2021 EurAAP Propagation Award" em reconhecimento pela sua liderança na área de propagação de sinais em sistemas de comunicações móveis e sem fios. Doutorou em Engenharia Eletrotécnica pelo Técnico em 1991, leciona na área de Telecomunicações, desenvolvendo investigação na área das comunicações móveis e sem fios.

Prémio Ferreira da Silva 2020 para...

Mário Berberan e Santos, docente do Departamento de Engenharia Química do Técnico e investigador do Instituto de Bioengenharia e Biociências é o distinguido com o Prémio Ferreira da Silva 2020. O galardão homenageia o químico António Ferreira da Silva, fundador da Sociedade Portuguesa de Química, que celebra em dezembro, 110 anos. É atribuído bianualmente a um químico que pela obra científica produzida em Portugal tenha contribuído significativamente para o avanço da área.

ASSOCIAÇÃO

Ensino Superior Privado tem nova direção

António Almeida-Dias, presidente da CESP - Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário, vai presidir à Associação Portuguesa do Ensino Superior Privado (APESP) no triénio 2021/23, tendo como vice-presidentes Armando Jorge de Carvalho, presidente da Universidade Portucalense, e Francisco Teixeira, diretor-geral do grupo que integra a Universidade Europeia, IPAM e IADE. João Redondo, Chanceler das Universidades Lusíada, presidente cessante e grande impulsionador da associação, preside à Assembleia-Geral. Rui Oliveira, do ISPA, e José Manuel Quaresma do ISAL, são os vice-presidentes eleitos deste órgão.

Os corpos diretivos da APESP, que junta perto de 60 instituições de ensino superior entre universidades e politécnicos, tomaram posse na passada sexta-feira. ■



HOMENAGEM

Loulé evoca Joaquim Romero Magalhães

O professor e antigo Diretor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Joaquim Romero Magalhães, falecido a 24 de dezembro de 2018, dá nome ao Arquivo Municipal de Loulé, um dos mais importantes do país.

Nascido nesta cidade algarvia a 18 de Abril de 1942, o eminente historiador fez toda a vida académica em Coimbra, onde deu um contributo fundamental para a gestão da Faculdade de Economia. Deixou-nos um legado de dezenas de livros e uma centena de artigos e outros textos que marcam a história económica e social portuguesa, em especial sobre a época moderna, o império português do Brasil, os concelhos e a história política da República.

Joaquim Romero de Magalhães dá já nome a um prémio de investigação instituído pela Câmara Municipal de Loulé. ■ AR



INVESTIGAÇÃO

Do Técnico para Copenhaga à procura de buracos negros

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Os seus interesses de investigação incidem sobre gravitação, em particular ondas gravitacionais e buracos negros e o seu sonho é um dia ver ultrapassada essa barreira do conhecimento. Para isso trabalha.

Vítor Cardoso, professor e presidente do Departamento de Física do Instituto Superior Técnico (IST), também investigador do Centro de Astrofísica e Gravitação (CENTRA), doutorado em Física pelo IST, com pós-doutoramento na Universidade do Mississippi e na Universidade de Washington, em St. Louis, tem agora uma oportunidade de ouro: uma bolsa de 5,3 milhões de euros atribuída pela Villum Fonden, fundação dinamarquesa criada em 1971 pelo engenheiro Villum Kann Rasmussen, permite-lhe continuar a fazer ciência de ponta. E, como diz o próprio, nunca se sabe como isso poderá acabar. “Podemos estar ao pé de uma era de transformação tão grande como foi o início do século XX”.

Vítor Cardoso assume a direção de um novo grupo de investigação no Instituto Niels Bohr, mantendo a sua atividade de investigação e docência no Técnico. Nas suas mãos tem a possibilidade de construir uma das melhores equipas internacionais para se dedicar inteiramente ao estudo de buracos negros, em todos os seus aspetos.

“A intenção é desvendarmos alguns dos segredos que estes objetos guardam”, afirma ao JE Universidades. Sobre o tema, aponta dois aspetos importantes. “O primeiro é que os buracos negros existem e são numerosos no universo. Existem buracos negros tão massivos que ditam mesmo a evolução de toda a galáxia circundante”. O segundo aspecto é que os buracos negros representam a fronteira do nosso conhecimento.



Técnico/Debora Rodrigues

“É ELA QUE PERMITE A EXISTÊNCIA DE VIDA NA TERRA”

Em que medida é que a física gravitacional contribui para melhorar as nossas vidas?

Em todos os aspetos. Em primeiro lugar porque saber, conhecer, é o que tem guiado a humanidade no seu percurso até aqui. Nós somos curiosos, gostamos de saber, controlar, prever. Isso dá-nos prazer, tanto como ver uma boa obra de arte, ouvir uma música, ou ver o Sol nascer. Sabemos que a física gravitacional é responsável pelas marés, é ela que torna as estrelas redondas, é ela que permite que a Terra orbite o Sol e, portanto, é ela que permite a existência de vida na Terra. O conhecimento detalhado desta física permite construir GPS, permite perceber sismos, permite viajar no espaço. Tudo isto é maravilhoso e suficiente só por si para devermos, todos nós, enquanto espécie, querer saber tudo sobre a gravitação!

“Nós sabemos que a teoria de Einstein falha no interior, nós sabemos que não conhecemos a Mecânica Quântica nestes regimes drásticos, mas não sabemos qual a solução para este problema... nem sabemos se a solução representa uma revolução no nosso conhecimento”, explica.

Este projeto é equivalente a mais do que duas ERC (bolsas do Conselho Europeu de Investigação), num instituto de referência, o Niels Bohr, fundado em 1921 e onde a Mecânica

Quântica se fez adulta. Além do estabelecimento de um grupo de gravitação, a avultada bolsa desafia o professor português a ter impacto “na sociedade dinamarquesa, formando jovens alunos e sensibilizando a sociedade para os desenvolvimentos da área, que tocam a fronteira daquilo que conhecemos no universo”.

Nada com que Vítor Cardoso não esteja familiarizado. No IST, por várias vezes integrou a Lista de Docentes Excelentes do Técnico e em 2018

foi-lhe atribuído o “Prémio IST Excelência no Ensino”. Nas palavras do professor, a nova posição internacional torna-se ainda mais fascinante porque permite manter e fortalecer os laços com a sua casa-mãe. “O Técnico tem algum do melhor talento do mundo, em alunos e investigadores, e claro que é importante manter esse contacto. Vamos criar parcerias, fazer intercâmbio de investigadores, etc. É um maravilhoso novo mundo”. Mais um. ■

CASTELO BRANCO

Politécnico requalifica campus com projeto dos alunos

A Câmara de Castelo Branco responsabiliza-se pelo investimento de cerca de 609 mil euros, e o Politécnico pelo projeto, que vai ser realizado pelos que lá estudam. As obras estão previstas começar este ano e espera-se uma intervenção profunda, que envolve trabalhos de infraestruturização e de requalificação do espaço.

Nesse sentido, o Instituto Politécnico de Castelo Branco desafiou os alunos da Escola de Artes Aplicadas a desenvolverem um conjunto de propostas. No total, são mais de cinco hectares, situados entre as escolas superiores de Saúde (ESALD) e

de Artes Aplicadas (ESART), que vão ser intervencionados. A proposta final vai incorporar o melhor de cada proposta apresentada. Aguarda-se boa dose de criatividade.

O protocolo com vista à requalificação da zona exterior do Campus da Talagueira foi recentemente assinado entre a Câmara de Castelo Branco e o Politécnico albacastrense. “A obra de requalificação do Campus da Talagueira vai dar dignidade a um espaço inacabado que se concretizará como um dos melhores campus académicos do país”, afirmou António Fernandes, presidente do Politécnico. Destacou a particularidade



ANTÓNIO FERNANDES
Presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco

de se tratar de um espaço livre, “sem qualquer barreira de acesso”, “um prolongamento da cidade que poderá ser utilizado por qualquer pessoa, num contexto de lazer e desporto, e em envolvimento com a academia”.

Segundo revelou António Fernandes, o novo Campus da Talagueira será um local de lazer aberto à comunidade, dotado de um anfiteatro ao ar livre, vários espaços verdes, calçada entre as duas escolas, uma ciclovia e um novo estacionamento.

O edil José Augusto Alves salientou o enquadramento da obra na estratégia de desenvolvimento que tem para o concelho. ■ AR

BREVES

Europeia lança revista científica na área jurídica

A Universidade Europeia assinalou o primeiro aniversário do centro de estudos e análise da privacidade e proteção de dados (PDPC) com o lançamento de uma revista científica na área jurídica: “Privacy & Data Protection Magazine”. Cristina Caldeira e Alexandre Pinheiro, coordenadores do Centro, são os responsáveis pela direção executiva e editorial da revista, que tem formato online, periodicidade quadrimestral (abril, agosto e dezembro) e acesso aberto e gratuito.

Prof. de Coimbra publica livro sobre recessão

Carlos Carreira, docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, lançou o livro “Crise e Crédito: Lições da Recessão de 2008–2013”. Dado à estampa pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, analisa questões como o impacto da crise no encerramento das empresas, no emprego e na produtividade, e a importância das empresas zombie na economia portuguesa.

Empresas de Leiria dão bolsas de estudo

Vinte e três empresas da região de Leiria atribuíram 33 Bolsas + Indústria a estudantes do Politécnico de Leiria, no âmbito do protocolo de cooperação entre o Instituto, a Associação Empresarial da Região de Leiria e a Associação Nacional da Indústria de Moldes. As bolsas anteriormente concedidas aos caloiros, passaram este ano a distinguir os estudantes com melhor desempenho ao longo do curso.

ISPA dinâmica “Conversas no Divã”

O Centro Cultural do ISPA – Instituto Universitário lançou um novo formato de conversas informais dedicadas à arte e à cultura. A iniciativa emitida quinzenalmente, às terças-feiras, envolve escritores, encenadores, músicos, atores e artistas visuais. Richard Zimler, Afonso Cruz, Maria João Luis e André Gago são nomes confirmados.

100

O Santander Universidades oferece uma centena de bolsas em colaboração com o braço de educação profissional do MIT Professional Education. As Bolsas Santander | Leading Digital Transformation destinam-se particularmente a licenciados e profissionais portugueses de vários sectores que “queiram qualificar-se ou requalificar-se para liderar a transformação digital nas suas empresas ou organizações”, em particular gestores e potenciais gestores. O programa é online, tem a duração de cinco semanas, equivalente a 40 horas de estudo, e inicia-se a 6 de setembro. As candidaturas decorrem até 18 de junho.